
DOSSIÊ

Em memória de
Antonio Gouvêa Mendonça

A p r e s e n t a ç ã o

A razão, mais do que justa, desse dossiê

Leonildo Silveira Campos*

“Há uma geração de protestantes para os quais o protestantismo, neles nato, é pungente saudade, uma saudade dolorida, uma saudade como nenhuma (...) morreu mais um desses protestantes saudosos (...) esperançosos de um protestantismo que não chegou a ser e que possivelmente não venha sê-lo”¹

Mendonça, 2007

Ao escrever as palavras da epígrafe acima, em 2007, Antônio Gouvêa Mendonça estava em plena luta contra sérios problemas de saúde que envolviam o coração e o sistema digestivo. Um câncer acabou provocando a sua morte em 20 de outubro do mesmo ano. O seu óbito ocorreu exatamente quando o número 33 desta revista entrava em circulação, trazendo o seu artigo sobre a morte de um outro cientista social da religião – Waldo César (1922-2007). Suas palavras podem confirmar bem a suspeita sociológica de que o discurso por nós elaborado sobre os mortos é um discurso de vivos para vivos. Às vezes esse falar é muito mais uma espécie de autoconsolo ou de um preparo, além do próprio, também o do círculo de amigos e familiares para a morte inevitável que se aproxima.

Norbert Elias (2001, p. 8) produziu um magnífico texto sociológico sobre o desligamento e a morte, isto é, sobre o envelhecer e o morrer. Para ele “muitas pessoas morrem gradualmente; adoecem, envelhecem. As últimas horas são importantes, é claro. Mas, muitas vezes a partida começa muito antes (...) a decadência as isola”. Daí o que ele chama de “solidão dos moribundos”. No entanto, a morte raramente consegue se encaixar dentro da consciência cotidiana. Em outras palavras, vivemos como se o risco da morte imediata não existisse. Assim viveu Mendonça nos últimos anos de sua exis-

* Doutor em Ciências da Religião, professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo.

¹ Palavras escritas a propósito da morte de Waldo César, em junho de 2007.

tência. Houve em seus textos diversas menções a longevidade. Talvez a longa vida da tia (Dna. Águila, falecida três meses antes de Mendonça, com 106 anos, perfeitamente lúcida), que o criou e substituiu a mãe falecida ainda na infância, a sua inserção tardia no magistério, a conquista do doutorado em Ciências Sociais com mais de sessenta anos, tudo isso pode tê-lo levado a esperar mais do que 85 anos de vida.

Mendonça estava em plena atividade na Universidade Presbiteriana Mackenzie quando, um ano antes da morte, foi obrigado a se afastar. Vinha semanalmente de Brotas a São Paulo, percorrendo setecentos quilômetros na ida e na volta, sozinho, dirigindo o próprio carro. Permanecia aqui por dois ou três dias em hotel, dando aulas e atendendo seus orientandos. A sua produção intelectual, no último ano de vida, enveredou para uma linha de textos em que procurava enquadrar esperança e saudade. Produziu belos artigos, abordando em alguns deles a infância como um menino protestante, sua vida em zona rural, o consolo para enfrentar o período de enfermidade que o separava de seus amigos da Capital, especialmente de seus alunos e da maior parte dos familiares que residem na Grande São Paulo. Aqui nos lembramos novamente do que escreve Norbert Elias: “experiências e fantasias da primeira infância também desempenham papel considerável na maneira como as pessoas enfrentam o conhecimento de sua morte próxima”.

Mendonça² foi um privilegiado observador do fenômeno religioso. Primeiro, porque veio de Arealva, no interior paulista, para a Capital em 1931, no início de uma década de profundas mudanças locais, nacionais e mundiais. São Paulo, nessa época, iniciava o processo de industrialização e urbanização, que a transformaria em uma das maiores metrópoles do mundo. Mendonça. Órfão da mãe, com nove anos de idade, passou a residir na casa da tia que o criou, exatamente na região do Brás, bairro onde vivia a colônia italiana, que vinte anos antes havia assistido ao surgimento de um dos principais ramos do pentecostalismo, a Congregação Cristã no Brasil. Em São Paulo, se integrou às atividades de uma comunidade presbiteriana independente, envolvendo-se durante algumas décadas como leigo e, a partir da metade dos anos 1960, como pastor, função que exerceu principalmente nos populosos bairros operários da região de Santo André e Osasco, após ter encerrado o que lhe parecia ser uma eficiente carreira em uma companhia multinacional de seguros de vida.

A trajetória de Mendonça se inscreve dentro de um período de grandes mutações sociais, culturais e econômicas, com profundas repercussões no campo religioso. Porém, viver em períodos históricos como esses tem as suas

² Inserimos aqui algumas considerações sobre a trajetória de Mendonça que redigimos para servir de introdução à primeira edição de *Protestantes, pentecostais & ecumênicos*.

vantagens e desvantagens. A grande vantagem está em poder realizar, com mais facilidade talvez, o que Pierre Bourdieu (1989, p. 39) chama de uma “conversão do olhar” ou uma “ruptura epistemológica”. Isto porque as rápidas mudanças socioculturais estimulam em alguns atores a aquisição de uma visão perspicaz e crítica da própria sociedade em processo de ebulição. Isso é fundamental em termos de Ciências Sociais, insiste Bourdieu, ao afirmar que “as rupturas epistemo-lógicas são muitas vezes rupturas sociais, rupturas com as crenças fundamentais do corpo de profissionais, com o campo de certezas partilhadas que fundamenta a *communis doctorum opinio*”.

Não há dúvida de que a biografia de Mendonça é única e singular. Mas, note-se também que o *locus* sociológico de suas contribuições às Ciências da Religião é o mesmo que favoreceu o surgimento de uma geração de intelectuais de procedência protestante e católica, que emigrou do ativismo, relativamente ingênuo, das instituições religiosas tradicionais para uma perspectiva crítica, geralmente instalada no interior das organizações acadêmicas ou paraclesiásticas, convenientemente montadas à margem das instituições oficiais.

Assim, como todo processo de ruptura, o distanciamento institucional trouxe para esses atores, inclusive para Mendonça, inúmeras desvantagens, visto que as rupturas provocam, por um lado, desconforto, renúncia e incompreensão dos que ficam e, de outro, mágoas, incertezas ou situações de penúria para os ousados emigrantes. Além disso, nos anos 1960 e 1970, as organizações religiosas brasileiras reagiram, como era de se esperar àquele clima influenciado pelo regime político autoritário, com mecanismos inquisitoriais que estigmatizavam os “desviantes”, então rotulados de “traidores”, “modernistas”, “subversivos” ou “infieis”. Elas, obviamente, procuraram manter a criatividade dos “intelectuais rebeldes” sob controle institucional, canalizando as energias represadas para a reprodução de suas estratégias de desenvolvimento, quando as tinham. Poucos intelectuais daquele período conseguiram conciliar a visão crítica da academia e de uma práxis social mais voltada para a justiça social com uma atuação religiosa eficaz, conseguindo ainda, em palavras de Bourdieu (1990, p. 113), “acumular as vantagens da lucidez científica e as vantagens da fidelidade religiosa”.

Mendonça, nos anos 1970, seguiu a tendência social, como inúmeros clérigos e leigos protestantes que, ao ampliarem o campo de percepção crítica dos fenômenos culturais e religiosos, retomaram as atividades acadêmicas e os processos de formação intelectual, interrompidos anteriormente pela dedicação às lutas cotidianas no interior das organizações eclesiais. Ele, então, retornou à academia para terminar os seus estudos, incompletos desde os anos 1950, vindo a se formar em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). No início dos anos 1980, concluiu o doutoramento, surgindo dessa atividade acadêmica o seu primei-

ro livro, *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*, que, tornado em obra clássica do protestantismo brasileiro, foi lançado pelas Paulinas (1984) e depois apareceu em mais duas edições – uma pela Editora Pendão Real / Aste (1995) e, recentemente, outra pela Editora da USP (Mendonça, 2008).

No nível eclesiástico, a convivência com as tensões do campo religioso lhe propiciou a oportunidade de um maior engajamento no magistério. Com isso, a Igreja perdeu um pastor, a universidade ganhou um paciente professor e as Ciências da Religião, um meticuloso pesquisador. A partir do início dos anos 1970, com o fim das atividades do Instituto José Manuel da Conceição, em Jandira (SP), sua atuação acadêmica passou a se desenvolver em várias instâncias da então Federação de Escolas Superiores do ABC, conjunto de faculdades mantidas pelo Instituto Metodista de Ensino Superior, hoje Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Durante esse quarto de século, a postura do professor Mendonça esteve longe daquela “má-fé” denunciada por Bourdieu, de que os sociólogos da religião, egressos do campo religioso, tendem a fazer de sua ciência apenas um acerto de contas com a antiga instituição religiosa à qual pertenceram.

Este dossiê quer concretizar o desejo de um grupo de alunos e professores da Umesp, que, em reunião do colegiado de curso, decidiram publicar este texto formado de reminiscências e de lições daquele que, antes de escritor, foi um educador. Pensam seus amigos estar, por meio dele, fazendo circular, entre um público mais amplo, preciosidades da contribuição intelectual de Mendonça, que estimulam e marcam a formação de dezenas de mestres e doutores em Ciências Sociais e da Religião, no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, entidade ligada à Universidade Metodista de São Paulo.

Ao trabalharmos este dossiê, procuramos manter um distanciamento do discurso fácil do elogio aos mortos. Porém, reconhecemos não ser um dossiê quase necrológico, o lugar adequado para uma avaliação acadêmica dos acertos e desacertos da visão que Mendonça tinha do protestantismo, especialmente das novas formas de pentecostalismo. Porém, temos que reconhecer que alguns de seus textos são produções intelectuais geradas no calor de aulas e debates que, a despeito dos riscos de uma “falta de neutralidade” (se a chave for positivista), representam por si próprias contribuições significativas para o estudo do fenômeno religioso entre nós. O professor Mendonça colocou em prática, em suas atividades docentes, uma observação registrada na prisão por Dietrich Bonhoeffer: “é preciso arriscar-se a dizer coisas contestáveis desde que se levantem questões vitais”.

Mendonça viveu intensamente o protestantismo, seu objeto de estudo. No entanto o fez dentro de perspectivas estudadas por Jean-Paul Willaime (1992), que chama a atenção para questões próprias da Europa – os dilemas, a decadência e a precariedade do protestantismo. Ele procurou mostrar que, *mutatis mutandis*, esses também são os dilemas do protestantismo brasileiro.

Nunca lhe passou despercebido que as relações estabelecidas pelo protestantismo com a modernidade resultaram em uma sociedade secularizada e pluralista, na qual a criatura passa a devorar o criador.

Para Mendonça a questão era como manter algumas características do “protestantismo histórico”, tais como a *soliscriptura*, o sacerdócio universal dos crentes e a perspectiva anticatólica, antiecumênica e racionalizante em um contexto cultural marcado por um amplo processo de “desmanche” expresso pelo termo “pós-modernidade”. Compartilhamos com sua crença de que o crescimento do pentecostalismo, principalmente em suas variantes neopentecostais em nosso continente, deverá tornar imprescindível que os intelectuais protestantes continuem a pensar nos dilemas culturais enquanto tentam redesenhar o cenário do campo religioso do século recentemente iniciado.

O dossiê que o leitor tem em mãos começa com uma breve história de vida: “Antônio Gouvêa Mendonça por ele mesmo”. Na seqüência, em “Honra ao mérito”, se apresenta uma síntese da homenagem que, por decisão do colegiado de professores, foi prestada a Mendonça antes de sua última aula no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, com a presença do então reitor da Metodista, Davi Ferreira Barros. Insere-se então a aula magna, com o título de “Fim de um tempo”, reproduzida integralmente, nos termos originais. Dois anos depois desse evento, em 2004, José de Souza Martins, seu grande amigo, professor-titular de Sociologia da Universidade de São Paulo, escreveu, a propósito do já mencionado livro de Mendonça, o texto “Celeste porvir: uma resenha em forma de carta”, que também se insere no dossiê. Este se encerra com a subseção “Em memória”, com o recorte de uma matéria publicada na *Folha de S. Paulo* por Willian Vieira no ensejo do falecimento de Mendonça, que intitulamos de “Um protestante ecumênico”, além de uma pequena reflexão sobre seus últimos dias, “Um prefácio inacabado”, assinada pelo editor deste número da revista, Etienne Alfred Higuier.

Foi esta forma que o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo encontrou para retratar uma realidade em que o acadêmico pode conviver harmoniosamente com a simplicidade. Exatamente como foi a exemplar trajetória de vida do Prof. Dr. Antônio Gouvêa Mendonça.

Referências

- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
 _____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
 ELIAS, N. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
 MENDONÇA, A. G. Morre um sonhador. *Estudos de Religião*, n. 33, jul./dez. 2007.
 _____. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2008.
 WILLAIME, J. P. *La precarité protestante: sociologie du protestantisme contemporain*. Genève: Labor & Fides, 1992.